VISÃO DO CORREIO

Um país com a paisagem recortada

Vista do alto, a vegetação nativa do Brasil se parece com um mosaico de peças soltas, separadas por pastos, lavouras e cidades. O mapeamento do MapBiomas com dados de 2024 e divulgado ontem mostra a dimensão desse retalhamento. O país contava naquele ano com 3,41 milhões de fragmentos de vegetação nativa, 45% a mais do que em 1986. A área média de cada fragmento encolheu de 287 para 163 hectares, queda de 43% em menos de quatro décadas.

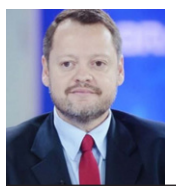
O retrato varia por região, mas nenhuma escapa dele. Minas Gerais, Bahia, Goiás, São Paulo e Paraná reúnem juntos 49% de todos os fragmentos, sinal de uma paisagem muito recortada. A Mata Atlântica soma 1,38 milhão de pedaços, e o Cerrado, 957 mil. Em 46% dos municípios brasileiros, o fragmento médio tem menos de 25 hectares. A Amazônia, que ainda guarda as maiores áreas contínuas, viu o número de fragmentos crescer 260% desde 1986, de 144 mil para 519 mil, com redução de 76% na área média de cada um.

Cada recorte tem consequências concretas. Animais e plantas perdem espaço para circular e se reproduzir, as populações trocam menos material genético, e a vegetação remanescente fica mais exposta ao fogo e aos efeitos de borda. O levantamento estima que entre 10% e 24% da vegetação nativa do país estava sujeita a algum fator de degradação em 2024. Na Mata Atlântica, o bioma mais pressionado em termos proporcionais, a faixa vai de 33% a 70%. Em área absoluta, o Cerrado lidera, com entre 17,7 milhões e 42,1 milhões de hectares expostos.

O Brasil tem legislação ambiental, áreas protegidas, órgãos de fiscalização e compromissos assumidos em fóruns internacionais. Os números mostram que esse conjunto de iniciativas tal como funciona hoje fica aquém do necessário. A fragmentação avançou por quase 40 anos, atravessou governos de todos os perfis e acumulou-se diante de um poder público que reage por episódios, quando uma queimada cobre uma capital ou uma enchente atinge uma cidade, e retoma a rotina quando a imagem some do noticiário. Faltam metas de restauração com prazo, recursos estáveis para fiscalização e uma política de reconexão entre áreas nativas que trate o território como um sistema.

A reversão depende de ação em todas as esferas. Governos federal, estaduais e municipais precisam transformar os dados em planos de restauração com metas verificáveis, prazos definidos e orçamento garantido, dando prioridade a corredores ecológicos que religuem os fragmentos da Mata Atlântica e do Cerrado, onde a divisão é mais intensa. Os números por município oferecem um ponto de partida concreto para as prefeituras, que podem incorporar a conectividade da vegetação aos planos diretores e à gestão do uso do solo. Produtores rurais e empresas ocupam boa parte do território em que a recomposição precisa acontecer, e a regularização ambiental das propriedades e a rastreabilidade das cadeias produtivas são instrumentos que já existem e aguardam adesão em escala.

A tarefa se estende a toda a sociedade. Consumidores podem preferir produtos com origem comprovada, eleitores podem cobrar de seus representantes compromissos com prazo, escolas e universidades podem levar o tema ao centro da formação, mesmo nos meses em que não há fumaça sobre as cidades. Uma floresta replantada leva décadas para cumprir sua função, e cada ano de espera encarece a restauração e reduz as chances de sucesso. O Brasil abriga a maior biodiversidade do planeta e tem diante de si uma década para mostrar que sabe cuidar dela. Preservar o que resta e reconectar o que foi separado é um esforço que cabe a todos, e quanto antes ele começar, maior será o que poderemos recuperar.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

O fim de duas eras

A eleição presidencial, finalmente, chegou ao fim. Com uma virada inédita na disputa pelo Palácio do Planalto, temos hoje um cenário impensável uma semana atrás. Não pela vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, afinal, as pesquisas mostravam um empate técnico, com uma grande mobilização petista nas ruas e nas redes sociais na reta final. Mas por termos o candidato derrotado optado por deixar o país para trás, com seus quase 60 milhões de votos, e adotar um tom golpista menos de 72 horas após a apuração das urnas.

Hoje, apenas cinco dias após as eleições, ouso dizer que a disputa presidencial de 2026 marcou o fim de duas eras: o lulismo e, principalmente, o bolsonarismo. Sobre Lula, o presidente terá mais quatro anos pela frente. Com seus 81 anos completados nesta semana e sem a possibilidade de disputar uma nova reeleição, a esquerda terá que encontrar um nome para as eleições de 2030 em diante.

O PT e aliados passam por um nítido processo de renovação. Velhos nomes saíram derrotados das urnas, mas há lideranças importantes, inclusive jovens, capazes de assumir protagonismo. O desafio está em transformar reconhecimento político em densidade eleitoral nacional. Isso exige tempo, reorganização partidária e uma agenda capaz de dialogar com as mudanças da sociedade brasileira.

No campo adversário, a decisão do senador Flávio Bolsonaro de deixar o Brasil e divulgar uma carta de teor antidemocrático representa mais um sinal de esgotamento do bolsonarismo. O pai está em prisão domiciliar e com os direitos políticos suspensos. Outros dois filhos buscaram refúgio nos Estados Unidos diante de possíveis consequências judiciais.

Em uma democracia, quem se considera injustiçado dispõe de instrumentos legais para demonstrar a inocência: defesa, recursos, habeas corpus, imprensa e tribuna parlamentar. Pelo menos até 31 de janeiro, quanto termina o mandato de senador, Flávio tinha todos os caminhos à disposição. A escolha de sair do país, em vez de enfrentar as eventuais acusações pelas vias institucionais, levanta dúvidas sobre a disposição de respeitar as regras do estado de democrático de direito.

Michelle Bolsonaro aparece como possível herdeira do capital eleitoral do marido e dos enteados. Há aliados que apostam em uma emancipação política gradual, com uma carreira própria e menor dependência do sobrenome. A tarefa, porém, será disputar espaço com outras lideranças da direita, especialmente o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, fortalecido pelo resultado eleitoral.

A partir de agora, deve ficar mais evidente que direita e bolsonarismo não são sinônimos. Há espaço para uma corrente conservadora que participe da disputa democrática sem depender da família Bolsonaro ou de ataques às instituições. A questão é saber quem conseguirá ocupar esse espaço. Entre os nomes mais jovens, Renan Santos e Kim Kataguiri se colocam como opção, demonstram força nas redes sociais e também capacidade de articulação. A dúvida é se vão se mostrar viáveis eleitoralmente.

O fim de uma era política raramente ocorre de uma vez. Lula ainda terá quatro anos para organizar a sucessão, enquanto a direita precisará decidir se continuará subordinada ao legado de Bolsonaro. As eleições de 2026 caminham para entrar para a história como o fim de ciclos. O que virá depois dependerá da capacidade de cada campo de renovar lideranças e apresentar respostas aos problemas reais do país.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Dias sombrios

Nosso país atravessa dias sombrios: o ódio toma o lugar do pódio? Há coisas estranhas navegando nas entranhas? Essa nossa tal de democracia anda sangrando na semântica da polissemia? Sei não; dias sombrios tomam conta de nosso chão coberto pelo céu azul. Vêm eleições e passam eleições, e parece que há cores em símbolos de camaleões? Ficam as nossas reflexões! Sei não; dias sombrios tomam conta de nosso país.

» **Antônio Carlos Sampaio Machado**
Águas Claras

Democracia

Verdadeira aula de democracia nos dá nesta quinta-feira o **Correio Braziliense**, publicando três cartas a respeito da fuga de Flávio Bolsonaro. Na primeira, Vicente Limongi analisa com precisão o vexame da fuga do candidato derrotado. Nas duas seguintes, de Roberto Azambuja e de Célia Urias, esses missivistas tentam justificar a evasão. Essas publicações são uma prova cabal de que, em nosso país, existe democracia, pois podemos nos expressar livremente, expondo nossas opiniões contraditórias sem nenhum constrangimento. O CB vai além, expondo uma charge genial a respeito do assunto e publicando um texto magistral de Leomar Daroncho, nos alertando para termos um "saudosismo vigilante", tendo em vista esse fanatismo que nos assola na atualidade.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Fujões

O movimento de Flávio Bolsonaro lembra o do próprio ex-presidente, que viajou aos EUA no fim de seu mandato, dias antes dos episódios de 8 de Janeiro. Infelizmente, essa postura expõe o retrato da atual classe política brasileira: enquanto alguns fogem do país para esquivar-se de responsabilidades judiciais, a maioria dos políticos — e parcela do Judiciário — foge descaradamente de seus deveres com a nação, consolidando um lamentável cenário de desordem institucional.

» **Paulo Panossian**
São Carlos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Está na hora de um general competente do "Exército do Lula" corrigir os sinais ruins da economia, como baixa expressiva da Bolsa de Valores, instabilidade do dólar, risco Brasil aumentado, dívida fiscal exponencial.

Marcos G. Figueira — Sudoeste

Tá todo mundo louco, oba! Perguntaram para o Flávio: Quem te proclamou presidente eleito? Flávio respondeu: Deus! Jair Bolsonaro, surpreso, pergunta: Quem? Eu?

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

As pessoas devem ficar atentos com os políticos que elegeram. Acompanhar as notícias é importante para depois cobrar o que deixou de ser feito. De olho nos eleitos.

José R. Pinheiro Filho – Asa Norte

TSE decide que violência de gênero pode tornar candidato inelegível: tinha que ser para quem pratica qualquer tipo de violência.

Andréa Sarlo — Rio de Janeiro

Apagando incêndio

O que as escolas brasileiras têm feito com as horas que passam com nossos filhos? E o que os filhos têm feito nessas horas com os professores? A profissão atualmente é apagar incêndios o tempo todo. Somos babás, psicólogos, tudo menos professores. Tudo se perdeu quando os valores se perderam. Vivemos em uma sociedade onde se ensina a odiar os professores, e não a respeitá-los. O problema não é o que as escolas deixaram de ensinar. A questão é: o que as famílias deixaram de ensinar?

» **Eulaine Régis**
Brasília

» correiobraziliense.com.br

VÍDEO

Luiz Carlos Azedo analisa como ficará a relação entre Brasília e Washington diante da presença de Flávio e Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos prometendo liderar a oposição ao governo Lula a distância e o futuro do PL sem os dois irmãos no país.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

BLOCO DE NOTAS

A jornalista Mila Ferreira comenta a suspeita de que a fuga de Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos contou com a ajuda de um funcionário do governo de Donald Trump e o início de uma mobilização de parlamentares do Distrito Federal no Congresso para reverter mudança que pode tirar R$ 1,8 bilhão do Fundo Constitucional do DF.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*